

A interlocução na crônica de Fabrício Carpinejar

Thiago Henriques Tiriba¹
Maria Rosa Duarte de Oliveira²

1. Estudante de IC da Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP; *thiago.tiriba@gmail.com
2. Pesquisadora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária da PUC/SP.

Palavras Chave: *Fabrício Carpinejar, crônica, Facebook.*

Introdução

O gênero crônica nasceu como narrativa histórica. Já no século XIX, ocupou lugar na imprensa diária, no limite entre a informação e a literatura. Desde sua consolidação no Brasil, por volta de 1930, a construção do diálogo entre o cronista e o leitor estabeleceu-se como uma de suas principais características. Questionar como tal interlocução se realiza na atualidade é o objetivo desta pesquisa. O cenário, afinal, encontra-se em considerável transformação, com novas concepções de texto, autor e leitor, atreladas às novas possibilidades de interação proporcionadas pela tecnologia. O *corpus* de nosso trabalho foi a obra do cronista e poeta Fabrício Carpinejar, figura da cultura brasileira contemporânea que, de todas as tribunas disponíveis, não mede esforços para levar sua palavra a uma ou a milhares de pessoas.

Resultados e Discussão

Três crônicas do autor foram analisadas:

- 1) “Quando a esposa vai embora”, de 04/set/2012;
- 2) “Caixinha de fósforos e surpresas”, de 09/out/2012;
- 3) “A maior tragédia de nossas vidas”, de 27/jan/2013.

A receptividade das crônicas na rede social (número de “curtidas”, compartilhamentos e comentários) e o fato de terem sido publicadas – as três – nos dois meios que interessam ao nosso estudo, o jornal impresso e o *Facebook*, foram os critérios para a seleção. Estudos sobre a linguagem hipermidiática e seus efeitos sobre nossa interação com o mundo, bem como estudos sobre o gênero crônica (além de teorias sobre o conto, a natureza da literatura e o próprio ato de narrar) constituíram nossa fundamentação teórica. Os textos foram analisados em função de seus suportes, com atenção à maneira como se dá, em cada um deles, a relação autor/leitor e ao modo como cada meio atua como leitor do outro.

Foram duas as perspectivas para análise das interlocuções:

1) a que se posicionou no interior do campo discursivo e seus efeitos de sentido sobre um possível leitor, na constante hibridização entre o acontecimento e a elaboração literária e

2) a que focalizou as mensagens no (e a partir do) *Facebook*.

Da 1ª perspectiva, trabalhamos sobre construções que, contidas por outros gêneros da esfera literária, caracterizam-se pela presença do “eu” do cronista e de marcas de sua subjetividade, as quais se incorporam na experiência daquele que é “sequestrado” para dentro da narração: o leitor.

Já da 2ª perspectiva (a que mostramos aqui), nos debruçamos sobre as trocas que transpiraram no ciberespaço, lugar não de atores sociais, e sim representações destes, construções/narrativas criadas para a expressão de elementos de suas individualidades.

Na 1ª crônica, narrativa em que Carpinejar projeta na personagem sua história pessoal de desilusão amorosa, mote de muitos textos (sempre divididos com os leitores) do período da publicação, pudemos notar que, enquanto a maioria dos usuários se projetou na história pessoal do escritor, alguns poucos se distanciaram de tal relação, percebendo a poeticidade implícita no discurso em si.

Se, além de ser um gênero que acolhe seus cultores, a crônica sempre foi garantia de resposta rápida ao cronista, notamos que esta resposta, hoje, se dá nas duas direções. Na 2ª crônica, por exemplo, texto sobre o hábito da esposa do cronista de guardar os fósforos já usados de volta na caixinha, o usuário dirige-se diretamente ao escritor. Ao que Carpinejar, quatro minutos depois, responde.

Já na 3ª crônica, que, diferentemente das duas primeiras, nasce no perfil do cronista no *Facebook* para então, no dia seguinte, ocupar a capa do jornal *O Globo*, encontramos um discurso que se espalha pelas diferentes mídias, de modo que, pela primeira vez na história do jornal carioca, é publicado um poema acima da manchete do dia – um deslocamento, portanto, do *Facebook* para o jornal, e não o já tradicional jornal-*Facebook*.

Conclusões

1) A crônica se adequa à hipermídia, que, gerando/absorvendo interlocuções, mostra-se favorável à potencialização da raiz dialogal do gênero, muito embora esteja sujeita ao controle dos dispositivos de poder da comunicação.

2) Não é por acaso que Carpinejar ocupa no *Zero Hora* a seção “Ao Leitor”, um lugar do jornal explicitamente dirigido ao movimento dialogal com o “outro”, seja ele o leitor, as mensagens que se justapõem ao texto cronístico, ou ainda as outras mídias, nomeadas na própria página. Abrir-se para a interlocução, então, inclusive com os outros gêneros do discurso, é o caráter que se manteve, em ambos os suportes analisados.

3) A necessidade de relativização da principal hipótese de partida – a de que haveria uma diferença entre a interlocução mais direta e instantânea na rede social e outra, mais atenta e reflexiva, no jornal –, o que se explica pela constatação de uma assimetria entre o potencial de sentidos do discurso cronístico e aqueles trazidos pelos “rastros” das mensagens dos usuários.

4) O movimento operado pelo 3º texto de Carpinejar é característico de nosso tempo, uma era em que já sabemos que a peculiaridade do desenvolvimento cognitivo encontra-se no desabrochar, cada vez mais emaranhado, de linguagens e mídias.

Agradecimentos

Instituição de fomento: PIBIC-CNPq